

ETNOGRAFIA DA DURAÇÃO NAS CIDADES EM SUAS CONSOLIDAÇÕES TEMPORAIS

Ana Luiza Carvalho da Rocha
Cornelia Eckert

Introdução

Nossa perspectiva neste artigo é de problematizar o estudo das consolidações temporais em contextos urbanos, a partir de nossa experiência de tratar da memória coletiva e da identidade narrativa no campo da antropologia social e simbólica.¹ Tendo por método o estudo etnográfico em contextos citadinos brasileiros, nossa análise compartilha das preocupações da linha de pesquisa “Estudo das Sociedades Complexas”, que trata das formas de sociabilidade, das trajetórias sociais e dos itinerários de indivíduos e/ou grupos urbanos. A motivação surge das conquistas obtidas pelo paradigma antropológico interpretativo no que tange à pesquisa das dinâmicas socioculturais presentes nas grandes metrópoles contemporâneas, na compreensão de suas unidades e fragmentações.

Para tal empreendimento orientamos nossa prática de pesquisa no contexto metropolitano para a realização do que denominamos de etnografias da duração, pela singularidade com que coloca em alto relevo os arranjos temporais que ritmam o viver cotidiano dos habitantes nas cidades contemporâneas, configurados em suas expressões narrativas (Eckert, 1991; Rocha, 1994). A proposta de uma

¹ Apresentamos esse binômio conceitual na forma como vimos embasando nossas pesquisas desenvolvidas a partir de dois projetos de pesquisa que coordenamos em parceria: o projeto Núcleo de Antropologia Visual e o projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais, ambos pertencentes ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, este último sediado no Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

etnografia da duração tem por inspiração os estudos das sociedades complexas nos moldes propostos pelo antropólogo Gilberto Velho (1981, 1994), muitos dos quais tratam privilegiadamente da metrópole brasileira a partir da análise das multiplicidades de estilos de vida, visões de mundo, códigos ético-morais e de províncias de significação assim como de projetos sociais e de universos simbólicos que a conformam, e que, segundo nosso ponto de vista, delineiam uma diversidade de formas sociais descontínuas.

Na investigação dos grandes centros urbano-industriais estamos atentas às conexões simbólicas entre os acontecimentos que permeiam as experiências urbanas de seus habitantes, isto é, suas intrigas. Assim, para tratar da cidade como objeto temporal, a etnografia da duração destaca as intrigas,² as diversidades de imagens e de dramas que configuram o cotidiano citadino, apreendidos como uma espécie de mapeamento simbólico do emaranhando dos ritmos vividos por seus habitantes em múltiplos territórios. Na investigação do caráter inacabado do viver urbano, a preocupação de pesquisa se concentra nas estruturas espaçotemporais sob as quais se assentam os fenômenos da alteridade e da experiência humana no mundo urbano contemporâneo, fazendo-nos, como antropólogos, coautores da experiência urbana que é objeto de nossas etnografias.

Entre tramas conceituais

Em etnografias da duração desenvolvidas em Porto Alegre, desde 1997, é a produção de imagens e é a pesquisa com imagens que perseguimos nos estudos da memória coletiva, e que divulgamos na forma de um banco de conhecimento sitiado em www.biev.ufrgs.br. Nas pesquisas junto a grupos específicos ou etnografias nas ruas e bairros, nos indagamos sobre as histórias vividas pelos habitantes na cidade seguindo a dialética da rememoração e de antecipação, nos termos de Paul Ricoeur (1991, p. 191), como pistas para a compreensão do espaço da experiência urbana como tempo reencontrado (Durand, 1984). Trata-se em princípio de um lugar epistemológico de pesquisa a partir do qual aderimos ao pressuposto de que os seres humanos são habitados por imagens, se pensam através delas e enquadram o tempo e o mundo a partir de determinadas constelações de imagens. O método de convergência reúne alguns procedimentos complexos como analisar, separar, agrupar e ordenar os documentos etnográficos obtidos em campo (sonoros, visuais e escritos), tendo em vista a forma ou feição dos seus arranjos para a descrição dos fenômenos da cultura e segundo a compreensão de determinadas estruturas figurativas que os conformam.

² De enredo e correlativamente de tempo narrativo, segundo Ricoeur (1995, p. 109).

Nesses termos, nosso interesse nos conduz ao estudo das formas múltiplas do viver a cidade, das experiências geracionais de continuidade e de descontinuidade nos ritmos citadinos de seus moradores que configuram as formas de sociabilidade, as crises, os conflitos, as expectativas e as motivações que unem a vida cotidiana dos habitantes entre si, as quais contribuem para a riqueza de sentido que comporta a vida coletiva nas modernas sociedades complexas.

A cidade e suas possibilidades interpretativas derivam de sua condição de unidade de ação para uma comunidade urbana, uma vez que ela é, ao mesmo tempo, em múltiplos planos, expressão autoral de seus habitantes e condição existencial de um querer-viver coletivo (Maffesoli, 1979, 1985), não sendo, portanto, jamais reduzida a um mero reflexo do somatório de suas ações, nem mera imitação de seus gestos e de cuja unidade narrativa o etnógrafo participa ao se colocar como leitor de suas tramas.

A atenção especial às intrigas vividas pelos habitantes no interior de uma grande metrópole nos permite, nos termos do Paul Ricoeur (1991, p. 168), integrar o estudo das identidades dos indivíduos e/ou grupos urbanos à investigação do fenômeno da permanência de uma comunidade urbana no tempo sob o ponto de vista de sua diversidade, variabilidade, descontinuidade e instabilidade. É com essa intenção que optamos pelo modelo narrativo em vez do modelo de tipo causal (histórico ou sociológico) para pensar a vida urbana, adotando a perspectiva da vida urbana como “acontecimento narrativo”. Isto é, a vida urbana definida nos termos da relação das grandes cidades com a própria operação de configuração das identidades de seus indivíduos e/ou grupos urbanos, participando de sua estrutura instável e de sua lógica contraditorial (Maffesoli, 1990).

O ato de viver a cidade carrega consigo, portanto, uma dimensão narrativa, já que resulta de uma unidade temporal que só poderá ser atingida mediante o encadeamento de estruturas espaçotemporais instáveis e dinâmicas, heterogêneas e descontínuas e, inúmeras vezes, discordantes.³ Os acontecimentos narrados pelos habitantes com respeito à experiência viva são configurados no evento etnográfico em que estes se constroem como personagens de temporalidades geracionais.

Seguindo-se o modelo narrativo para o tratamento conceitual dos estudos de memória coletiva no e do mundo urbano contemporâneo, deslocamos

³ Adotamos aqui a ideia segundo a qual descrever a memória coletiva no e do mundo urbano contemporâneo nos coloca o desafio de refletir sobre a condição de interpretá-la desde o ponto de vista de julgamentos morais, e onde a ação descrita pelo antropólogo em campo precisa se igualar à ação relatada por seus parceiros de pesquisa, aqueles que fazem a ação na narrativa (Ricoeur, 1991, p. 170).

progressivamente o foco da investigação das ações dos indivíduos e/ou grupos sociais no contexto das grandes metrópoles para o personagem da narração e o espaço das variações imaginárias que conformam a dialética entre identidade (perpetuação do mesmo) e ipseidade (manutenção de si). Toda narrativa biográfica de um personagem contempla uma ligação estreita com a intriga dos acontecimentos que regem as suas experiências urbanas. A identidade do personagem é, assim, compreendida no interior de um acontecimento narrativo que tem na própria trama o esforço de enquadrar seus deslocamentos espaciais e temporais nas grandes cidades. Sob tal perspectiva, parafraseando Paul Ricoeur (1991, p. 171), são os personagens de nossas etnografias que configuram as imagens das cidades em suas intrigas. Nos percursos narrativos dos habitantes nas cidades damos conta de que os problemas morais e as crises éticas dos nossos personagens orientam suas ações nos acontecimentos urbanos por eles narrados e vice-versa.

A adoção de modelo narrativo nos impõe pensar os estudos da memória sob o signo da dialética da concordância discordante que abarca a pessoa de nossos parceiros de pesquisa se pensados desde a perspectiva de personagens de suas narrativas. Narrar a cidade é se narrar na cidade, segundo seus intervalos de variações espaçotemporais, o que impõe àquele que narra os desafios da afirmação da mesmidade de um caráter e da manutenção/duração de si no mundo. Ora, é precisamente essa dialética que nos conduz a pensar o tema da identidade narrativa como integrando uma proposta de etnografia da duração para a compreensão da memória coletiva no e do mundo urbano contemporâneo, isto é, como espectro de significações da trama entre o tempo vivido, do mundo urbano contemporâneo, e o tempo pensado, subjetivo, de suas experiências singulares nas grandes metrópoles (Eckert; Rocha, 2005).

Portanto, tal como proposto por Gilbert Durand (1984), é o nosso compromisso moral com um novo humanismo para os estudos das sociedades complexas que nos conduz em nossas preocupações com os avanços do reducionismo epistêmico da figura humana no “trajeto antropológico”.⁴ Ao mesmo tempo, é nosso compromisso velar por uma dimensão estilística e ética do empreendimento antropológico na “guinada linguística”, reorientando os estudos de memória, no contexto das grandes metrópoles contemporâneas, para “uma nova modalidade de relacionamento”: o da relação dialógica vivenciada no encontro etnográfico (Cardoso de Oliveira, 2000, pp. 23, 24, 26).

Da mesma forma, conforme pontua Otávio Velho (1995, p. 143), nosso

⁴ Isto é, “constitutivo de um acordo, ou de um equilíbrio – o que denominamos de trajeto – entre os desejos imperativos do sujeito e as intimações da ambiência objetiva”, e no qual a função fantástica “modula a ação estética e social” de contar o tempo (Durand, 1984, pp. 456-458).

projeto antropológico de pesquisa é de autocompreensão na medida em que nossos esforços de produção de etnografias nos grandes centros urbano-industriais implicam “uma construção de identidade que reflita a passagem da questão do ser pela das suas circunstâncias”.

O conhecimento do processo de construção evidenciado na escritura etnográfica pelos diversos meios de expressão imagética (escrita, foto, vídeo, sonoridades) promove a circularidade das interpretações consentidas, oriundas da interlocução que restitui, às comunidades éticas, as imagens narrativas, cujas interpretações e análises de suas lógicas e ações são eternamente sujeitas a reinterpretações, como diria Clifford Geertz (1978). Misto de fabulação e experiência vivida, a memória coletiva expressa em histórias narradas é um espaço privilegiado para o exercício da ética da dúvida (Arendt, 1983) e da ética da suspeita (Ricoeur, 1991), quando então tais histórias carregam o “valor” da liberdade ao alcance da ação humana no mundo e, no caso do contexto de nossas pesquisas, nas territorialidades urbanas.

Da pesquisa de grupos urbanos: as formas da vida social

Na antropologia social é de consenso posicionar-se no campo da pesquisa sobre a dinâmica cultural nas cidades modernas, tendo por referência a obra de Georg Simmel (1981) como fundadora de uma linhagem de estudos sobre as formas de vida social que orientam os saberes e fazeres dos seus habitantes. O paradigma formista que perpassa a obra simmeliana faz dos atos de olhar, escutar e falar (Watier, 2003, p. 14) do etnógrafo importantes instrumentos para a compreensão das formas por meio das quais a vida social adquire permanência no tempo.

Estamos nos referindo aqui às formas como, numa grande metrópole, as ações recíprocas dos seus habitantes, uns sobre os outros, são vividas e narradas, atualizando-se no seu interior a sociedade. Em nosso ponto de vista, a atestação da sociedade no ato de jogar o social é o lugar da interpretação, seja de uma pessoa, seja de uma comunidade. Nesse ponto, em especial, seguimos atentamente os comentários de Georg Simmel (1934, 1981), segundo os quais importa menos o conteúdo que veiculam as relações sociais do que as imagens por meio das quais tais conteúdos figuram a vida social e lhe atribuem significados.

Acompanhados de autores como Georg Simmel e outros tantos que perseguem o paradigma estético para a compreensão da dinâmica cultural nas modernas sociedades complexas, nós podemos compreender o fenômeno urbano para além do constrangimento de uma gramática das ações, seus habitantes e sua decifração textual. Em diálogo com tal gramática propomos o estudo do campo

semântico que conforma um querer-viver coletivo nos grandes centros urbanos. Ou seja, seus esforços em projetar a vida social para além da não vida social pela duração de ações recíprocas, as quais geram a sociedade em microatos cotidianos, em suas múltiplas filiações, sua pluralidade de círculos e redes sociais, suas contradições, conflitos e diferenciações sociais.

É, portanto, através de estudos etnográficos, versando sobre o tema da incessante transformação das formas do social e da infinidade de seus conteúdos, que estão em jogo no cotidiano da experiência urbana dos habitantes de uma grande metrópole, que buscamos ressituar a problemática da interpretação histórica da instalação da civilização urbano-industrial no Brasil.⁵ A inteligibilidade narrativa não se limita à inteligência historiadora. Seguindo as orientações dos hermeneutas instauradores (Durand, 1992), entendemos que o tempo é da ordem cultural de atos contínuos e descontínuos que identifica a história pessoal, coletiva, individual e social, promovido no encadeamento lógico das continuidades e descontinuidades na vida social (nas transformações urbanas, por exemplo). Aliás, “a experiência de nossa própria duração passada se baseia em verdadeiros eixos racionais” (Bachelard, 1988, p. 39).

Para nós, a perspectiva positiva da configuração de uma civilização urbana e as seduções de uma interpretação realista da vida social, diretamente observável como unidade empírica, nada mais é que o fruto de um conjunto de estruturas fantásticas do imaginário de seu corpo coletivo, entre tantos outros, e onde a ordenação linear e progressiva da matéria do tempo desponta como ponto central (Gell, 2001). Assim, adotando o ponto de vista de uma etnografia da duração, podemos pensar a originalidade das formas do social, no contexto das modernas sociedades urbano-industriais, como configuração cristalizada dos efeitos de composição de um conjunto de motivações simbólicas, atos, volições e comportamentos engendrados pelos habitantes das grandes cidades entre si.

Tendo em vista a polêmica da continuidade/descontinuidade, fragmentação/totalização, heterogeneidade/homogeneidade de seus universos simbólicos, semelhante ponto de vista sobre a dinâmica cultural que orienta as formas do social perpetuar-se a si mesmo nos grandes centros urbano-industriais, como nos lembra Gilberto Velho (1981), implica a produção de etnografias que descrevam, em profundidade, o conjunto de motivações simbólicas, dos

⁵ O eixo histórico pode por certo promover a narrativa por meio de razões fatuais, mas não dá ao tempo narrado uma dramática, uma intriga que negocia com outras razões sensíveis que ordenam ritmicamente as imagens evocadas na lembrança de durar. Poderíamos sugerir que são muitas as continuidades (Bachelard, 1988, p. 39), desde que não confundidas com a lembrança de todo nosso passado.

comportamentos sociais, ações e representações que, articuladas entre si, resultam numa totalidade de sentido para o teatro de vida urbana. Razão pela qual o estudo da identidade narrativa de indivíduos, grupos sociais e/ou comunidades se coloca como uma de nossas estratégias interpretativas da memória coletiva do e no mundo urbano contemporâneo. A metrópole narrada desponta, assim, como fruto de uma consolidação temporal, isto é, o resultado dos efeitos de composição criado pela rítmica descontínua de uma pluralidade de dispersas durações vividas por seus habitantes e religadas entre si pelo jogo do social (Rocha, 1994).

Na intimidade da dialética do tempo, a duração

Para dar conta da compreensão da vida urbana nas modernas sociedades complexas segundo os efeitos de composição dos jogos de memória de seus habitantes, orientamo-nos pela proposta bachelardiana de uma dialética da duração no interior das formas do social, expressão de uma superposição rítmica entre o tempo pensado e o tempo vivido, desde onde elas se consolidam como matéria (Bachelard, 1988).

Se com Georg Simmel aprendemos que a vida dos habitantes da cidade moderna se expressa nas formas trágicas como eles jogam o social e que tais formas expressam intrigas que merecem ser narradas (Ricoeur, 1991), com Gaston Bachelard nós reconhecemos que essas formas do social são agenciadas por imagens que têm o poder de enquadrá-las no interior de uma experiência temporal humana no mundo.⁶ São as imagens no corpo das narrativas que atribuem uma matéria ao tempo narrado, dando-lhes densidade e espessura, fazendo vibrar num ritmo singular as distintas faces do tempo. Segundo Gilbert Durand, seguidor do mestre, é a imaginação criadora, lugar privilegiado dos jogos da memória, que propulsiona a continuidade da vida sobre as discontinuidades dos instantes (Bachelard, 1965) contra a matéria perecível do tempo, uma vez que o fenômeno da duração das formas do social não é um dado absoluto, mas, antes, uma construção simbólica, ou seja, um arranjo do tempo humano nos instantes vividos em sua luta contra a dissolução de sua matéria.

Portanto, se os estudos de identidade narrativa são essenciais para nossa abordagem de uma etnografia da duração do e no mundo urbano contemporâneo, é o estudo da ritmicidade dos instantes imaginados, pensados

⁶ O ensinamento do mestre nos é fundamental para problematizar a noção de tempo em instantes, no que o autor segue M. Roupnel, pois é o instante que é renovado e reporta ao ser a liberdade ou a chance de uma duração (Bachelard, 1965, p. 27).

e/ou vividos que conformam as formas de uma memória narrada da cidade pelos seus habitantes o instrumento privilegiado para se alcançar a inteligibilidade de suas intrigas (Bachelard, 1965, p. 27). No plano da etnografia da duração a intensidade e espessura daquilo que nos é narrado advém da “dialética de presença e de ausência” (Ricoeur, 2006, p. 294, tradução nossa), da lembrança no interior da relação etnográfica que construímos ao longo de nosso trabalho de campo com nossos interlocutores de pesquisa.

Estamos nos distanciando da noção do tempo bergsoniano que consubstancia a realidade do tempo na duração como um tempo longo, que permanece como realidade (Eckert; Rocha, 2005), e nos propondo a pensar a integração de estruturas espaçotemporais díspares que despontam nas memórias narradas dos habitantes das grandes cidades, fazendo emergir seu diferencial nos diversos domínios de suas biografias de vida, suas trajetórias sociais e seus itinerários urbanos. Antes de propor uma antropologia do tempo e suas coreografias sociais e culturais, nossa intenção percorre o fenômeno temporal na sua dimensão antropológica, revisitando, assim, nossos próprios esquemas temporais, como antropólogos urbanos. Alinhando-nos com Alfred Gell (2001, p. 315), vale ressaltar que muito dos fenômenos que consideramos resíduos de tempos arcaicos na dinâmica cultural de nossas metrópoles contemporâneas, tratam simplesmente de nosso desconhecimento sobre eles, nunca descritos, nunca pensados, nunca abordados em nossas etnografias.

Sublinhamos mais uma vez nossa adesão ao postulado bachelardiano que valoriza a existência de “lacunas na duração” (Bachelard, 1988, p. 7) e que, por tal razão, atribui especial relevância à imaginação criadora (ao mundo das imagens) como sendo aquela por meio da qual o ser humano atinge a permanência de si no mundo. A pesquisa etnográfica da duração, apoiada nos estudos de identidades narrativas de pessoas, grupos sociais e/ou comunidades trata do fenômeno da construção da continuidade das formas do social no tempo, tendo por base seu fundo de descontinuidade (Bachelard, 1988, p. 16). A memória como duração não se apresenta como um dado imediato da consciência, mas construção laborada no tempo recorrente do viver social, este último, de igual forma, tributário dos trabalhos da imaginação criadora de que todos somos portadores (Bachelard, 1988, p. 16).

Nos contextos urbanos, marcados por múltiplas identidades e pertencas que configuram uma complexidade nas dinâmicas histórico-sociais o estudo da memória coletiva promove as configurações dessas pluralidades de durações, nas biografias narradas. Conforme assinala Norbert Elias (1998, p. 11), “o tempo não se deixa guardar comodamente numa dessas gavetas conceituais onde ainda hoje se classificam, com toda a naturalidade, objetos desse tipo”. Logo, durações

que devemos percorrer segundo os “diversos planos de fenômenos temporais” (Bachelard, 1988, p. 25), nas suas diversidades, imperfeições, harmonizações, que atentamos na pesquisa sobre encadeamento dos tempos pensados e vividos. De acordo, sem dúvida, com uma linguagem socialmente compartilhada, que opera a realização da circulação da memória dos processos geracionais vividos, como o ensinou primorosamente Maurice Halbwachs (2006), e que se coloca, para nós, revestida de uma intriga do ser no tempo, pois, com efeito, “a duração precisa sempre de uma alteridade para parecer contínua” (Bachelard, 1988, p. 52).

A etnografia da duração e as práticas da interpretação das feições do tempo

Nesses termos, entendemos que a prática interpretativa da duração nos coloca o desafio da desconstrução conceitual do fenômeno da memória como um resgate do passado e a intencionalidade de recuperá-lo como “um bloco uniforme”. A perspectiva relativista do tempo bachelardiano nos ensina que não há transmissão e apreensão do passado para o presente que não tenha um apoio dialético no instante presente (Bachelard, 1988, p. 37).

O instante como provocação para os jogos da memória e seus esforços em trabalhar a matéria corrosiva do tempo e com ela se reconciliar, por meio do tempo narrado, é um convite à pesquisa antropológica com imagens no contexto das grandes metrópoles contemporâneas. (Bachelard, 1988, p. 37). Da mesma forma, é um convite para se pensar a prática etnográfica ao longo de um intenso trabalho de campo, a partir dos seus instantes e de suas repercussões para a construção da densidade da relação etnográfica com nossos parceiros de pesquisa, seja pelo potencial que essas situações têm de promover uma interlocução consentida, seja pelas possibilidades que geram de encadeamento de temas afetivos nas narrativas e memórias.

O instante etnográfico nos remete à prática da pesquisa integrando a imagem a um vasto campo de outras tantas experiências temporais do antropólogo em seu trabalho de campo, concebidas por nós como superposições dos tempos pensados e vividos dos habitantes na cidade, agenciados em imagens, numa ondulação dialética entre “nós” e “eles”, dos habitantes entre si e com eles próprios, e de nós pessoalmente e com a comunidade interpretativa dos antropólogos e conosco (Bachelard, 1988, p. 38).

Ao situarmos a produção de imagens no entrecruzamento do tempo pensado e vivido dos habitantes num grande centro urbano, se torna fundamental para os estudos da etnografia da duração adentrar o tema do ofício do etnógrafo no que tange ao compromisso ético de captar esse material a partir de seus

múltiplos pontos de observação, seus pontos de escuta assim como pontos de vista, ângulos e enquadramentos, expectativas e motivações de descrição da vida urbana.

O estudo da etnografia da duração postula, portanto, a interação do pesquisador com as diversas experiências temporais da e na cidade, tanto as suas próprias quanto as de seus habitantes, sendo que a disposição de pesquisa se concretiza no consentimento da reciprocidade da pesquisa: “sou antropólogo, estou aqui para conviver e ouvir vocês naquilo que consideram importante para as suas vidas, ainda que sob a perspectiva de alguns temas que interessem a minha comunidade interpretativa de origem”. Geralmente essas são as palavras proferidas como “abre-alas” do evento etnográfico que irá se desdobrar em instantes, segundo as contínuas interações com interlocutores de pesquisa. Acima de tudo, a pesquisa antropológica, tendo por fundamento a realização de uma etnografia da duração, é o resultado da feliz aceitação de um tempo de vida compartilhado com o outro.

A intenção é ressaltar que nada do que nossos projetos de pesquisa propõem em termos de jogos conceituais faria sentido se não se permitisse no trabalho de campo uma reciprocidade cognitiva entre o etnógrafo e seus parceiros de pesquisa. É no exercício da convivência com eles no cotidiano da vida urbana que buscamos as ocasiões de conversação que toda a arte de narrar requer (De Certeau, 1994).

O desafio do método antropológico consiste em levar a bom termo as diversas experiências de deslocamento em relação às alteridades (distantes ou próximas) e do ofício do etnógrafo de “apreensão dos fenômenos sociais” do olhar, do ouvir e do escrever como atos cognitivos e interpretativos (Cardoso de Oliveira, 2000, p. 18). A inserção na vida ordinária de pessoas não é um convívio evidente, e é do ofício do antropólogo a negociação e a relação construída no consentimento, para a interação dialógica e reconhecida do encontro etnográfico, essencialmente do olhar e do ouvir. A recitação do entrevistado é apurada nos atos de dizer, e o(a) pesquisador(a) em campo se compromete a permanecer atento às habilidades do contador (De Certeau, 1994, p. 166). Próprias da arte de dizer, as astúcias e perspicácias são também a arte de viver, no contexto, práticas de sociabilidade relativas a situações singulares. O que está em jogo é uma relação intersubjetiva. Aqui a armadilha do deslize na subjetividade do autor e na sua autoridade de pesquisador é o ponto crítico que exige um contexto de aprendizagem não só teórico e metodológico, mas dramático e ético.

O trabalho com a memória, sabemos, desafia uma relação de atenção e escuta consentida a ser transcrita nas formas de circulação da análise interpretativa comunicada, em suportes diversos, para um público, espera-se, não só de

especialistas: a comunidade pesquisada é a primeira que deveria ser beneficiada com a produção de conhecimento. Uma relação que exige uma disposição e uma disponibilidade de convívio no tempo da interação, da conversação, da entrevista, o que exige uma densidade de investimento do pesquisador na aproximação aos seus potenciais interlocutores na solicitação de uma ação recíproca.

Nesse contexto, trata-se de pensar a memória coletiva a partir da ideia de centros de causalidades como formas de refletir sobre a dinâmica temporal que instaura a aura estética de um grande centro urbano para os seus habitantes, ao invés de pensá-la a partir da ideia da propagação regular ou evolução uniforme de suas formas.

Somos, assim, levados a considerar os relatos da vida cotidiana dos indivíduos, grupos sociais e/ou comunidades, no contexto das grandes metrópoles, como um fenômeno significativo de fixação da sua fala, territórios que expressam e dramatizam uma ordem temporal. Como uma espécie de caixa de ressonância da dinâmica cotidiana das diversas formas de vida social, a cidade manifesta a potência regeneradora dos sonhos e das recordações de seu corpo coletivo.

A pesquisa da etnografia da duração e o estudo das formas sensíveis da vida social

O trabalho de pesquisa com etnografia da duração nos orienta para os estudos da antropologia do imaginário, segundo a linhagem dos trabalhos de Gilbert Durand (1984), em particular, para o uso do método de convergência na análise dos dados sensíveis da vida cotidiana, elaborados durante o processo etnográfico através do uso dos recursos audiovisuais. Um procedimento que leva em conta as formas por meio das quais a vida social se revela aos olhos do etnógrafo assim como o simbolismo que delas emana e afeta a todos que dela participam.

O investimento na etnografia da duração trata, portanto, da pesquisa antropológica com as imagens de uma cidade prefigurada na vida vivida de seus habitantes, ela mesma refigurada, logo após, nos seus jogos de memória. Imagens às quais irão se mesclar outras tantas, posteriormente, oriundas do relato do próprio antropólogo em campo e que, finalmente, entrelaçadas, irão se desdobrar em outras, configuradas por todos aqueles que tiverem acesso à obra etnográfica. Nesse sentido, concordamos com Alfred Gell (1999, p. 11), quando o autor afirma que ao escrevermos nossas etnografias geralmente começamos com uma imagem (muitas vezes um diagrama) como parte de um processo de formalização de nossos pensamentos sobre os “objetos inquietantes” da cultura humana.

Para se chegar a esse procedimento postulamos a necessidade do antropólogo ser afetado, nos termos empregados por Jeanne Favret-Saada (2009), em seu trabalho de campo, pelas imagens que foram evocadas pelos jogos da memória de seus interlocutores, compartilhadas durante o trabalho de campo (visuais, olfativas, sonoras, pictóricas etc., entre outras). Algumas imagens nem tão subjetivas, pois são retiradas de álbuns de família e de baú de guardados, irão se juntar às imagens que produzimos no e do evento etnográfico, a partir das situações vividas na cidade com os nossos parceiros de pesquisa.

A amarração de certas imagens entre si, no interior de narrativas, não significa que as formas do social a que elas aludem comportem uma única unidade de significado – todas veiculando o mesmo sentido. Uma vez que toda imagem guarda em si mesma um dinamismo simbólico polimórfico e plural no plano da imaginação criadora, as constelações de imagens formadas a partir do método de convergência entre elas criam complementaridades e mesmo conflitos de significações. Nesse caso, as diferenças entre as formas são importantes para se perceber as homologias entre elas, ou seja, reconhecer a estrutura que pode estar sendo configurada por elas e, portanto, suas aproximações a partir de semelhanças entre elas. As semelhanças entre um conjunto de imagens não estão na aparência de suas formas, nem no seu conteúdo sociológico e/ou histórico, mas sim na estrutura figurativa que une as imagens entre si, e onde podemos capturar o caráter simbólico da forma à qual a vida social alude.

Assim, seguir o método de convergência para o tratamento das imagens nos estudos da etnografia da duração significa a busca de desvendamento das estruturas que estão subjacentes às formas e dos simbolismos para onde convergem ou se polarizam. Do mesmo modo, alinhando-nos no interior do campo de uma sociologia figurativa, reconhecemos que nos jogos da memória a manifestação da forma de uma imagem não encerra todos os seus sentidos, razão pela qual o método de convergência, como suporte de estudo dos relatos dos habitantes sobre suas experiências nas grandes metrópoles, reconhece a presença de um pluralismo de sentidos para as imagens que seus territórios veiculam.

Identidade narrativa, a recíproca entre narratividade e temporalidade

Seguindo a proposta de “trocar experiências” sobre a cidade na cidade, buscamos conviver com os habitantes dos grandes centros urbanos em suas rotinas, a partir de um acordo ético que os sensibilize à narrativa de suas experiências espaçotemporais cidadinas, pois a função narrativa não existe sem implicações éticas (Ricoeur, 1991, p. 193). O foco é a teoria da reciprocidade entre narratividade

e temporalidade revelada na obra desse autor, e dela decorre o estudo que propomos da identidade narrativa como integrando a pesquisa das experiências de “personagens de narração”, nossos interlocutores, com as transformações nos seus espaços de existência, a partir de suas próprias experiências com a matéria do tempo (o envelhecimento, a destruição de seus lugares de lembranças, a remodelação de certos territórios de suas recordações etc.). Nas palavras de Norbert Elias (1998, p. 63), os conceitos de passado, presente e futuro “expressam a relação que se estabelece entre uma série de mudanças e a experiência que uma pessoa (ou um grupo) tem dela”.

Nesses termos, a etnografia torna-se um “evento” onde a ação de escuta do etnógrafo é cúmplice da espessura das lembranças contidas no tempo narrado de seus parceiros e interlocutores, experiências, essas, configuradas, seja em suas rupturas (descontinuidades), seja em suas ligações (consolidações), pelo ato de escritura em que o etnógrafo, na qualidade de “transcriador”,⁷ “agencia os fatos” como “mimeses da ação vivida no tempo do mundo” (Ricoeur, 1994, pp. 85, 132). Na “construção do contar” (Ricoeur, 1991), a comunicação fluida dos nossos personagens da narração configura-se como um conjunto heterogêneo de lembranças entrelaçadas entre tempos pensados e tempos vividos.

No desdobramento do relato de tais lembranças reconhecemos uma intriga (Ricoeur, 1994), com base nas mudanças de sorte que elas comportam. Uma história tecida com eventos múltiplos que se sucedem na inteligibilidade narrativa da vida do personagem da ação narrada que lhe dá espessura. Apoiando-nos nas palavras de Norbert Elias (1998, p. 62), as mudanças de sorte são ordenadas segundo determinadas motivações simbólicas do tempo, as quais nós só podemos acessar através da estrutura da compreensão da própria sequência que elas geram em termos de sucessão temporal.

Mas o que narram os nossos narradores urbanos? Suas histórias tecem intrigas ordenadas, configuram eventos, episódios e experiências. Obviamente, no horizonte das histórias pessoais não se descartam as referências às macro-discursividades interiorizadas e referidas como experiências geracionais ou fatos históricos: tal política, tal governo, tal partido, tal lei, tal regra, tal costume, tal notícia veiculada pelos meios de comunicação de massa. Situada no tempo do mundo, o tempo vivido, a etnografia da duração lida com o deslocamento da alteridade do “si-mesmo” do personagem da narração nas imagens que configuram a rítmica das suas experiências temporais pensadas e vividas.

A nosso ver, uma fala/retrato cuja rítmica tem por intenção fazer concordar situações vividas discordantes, através do agenciamento de imagens responsáveis

⁷ Expressão inspirada na obra do poeta concretista Haroldo de Campos.

pela sua organização coerente no interior de uma superposição de tempos, ela própria constante, é reavaliada numa experiência prática. Por um lado, tendo em vista a identidade pessoal dos sujeitos narradores, a escuta atenta do etnógrafo às situações biográficas narradas reencontra uma multiplicidade de províncias de significação (Schutz *apud* Wagner, 1979; Velho, G., 1994) em referência à condição dos personagens da narração como habitantes das grandes metrópoles contemporâneas. Por outro lado, as imagens evocadas nos jogos de memória dos personagens da narração apontam para uma memória intrageracional nas cidades, que é por nós contemplada na perspectiva das ditas “hermenêuticas instauradoras” (Durand, 1992). Ou seja, são enfocadas por nós como espaços de vida onde o fenômeno da ipseidade integra as narrativas de tais personagens, a partir de um deslocamento essencial de si-mesmos e que lhes permite participar do tempo no qual vibra a memória.

No plano dos estudos da identidade narrativa, negligenciar os problemas da permanência no tempo da identidade pessoal dos nossos interlocutores, isto é, da sua identidade-idem,⁸ representa negligenciar o fato de que os jogos da memória resultam dos esforços humanos para estabilizar a matéria perecível do tempo em suas vidas, por meio da ação narrada. Aproximamo-nos aqui das observações de Marshall Sahlins (1994, p. 11) a respeito do diálogo de Alice e Humpty Dumpty. Somos tentados a pensar, finalmente, “quem seria o senhor das palavras” enunciadas no interior dos jogos das memórias dos habitantes das grandes metrópoles contemporâneas, tendo em vista que elas, inúmeras vezes, parecem “dizer tantas coisas diferentes”? Sem querermos esgotar o assunto, em nossos estudos podemos pensar o dinamismo dos esquemas de significação que emergem das histórias narradas, entendidos como tributários de esquemas simbólicos culturalmente relevantes, os quais, por sua vez, não são fixos, pois significados no interior do fluxo de uma experiência humana no mundo.

O que nos faz retornar ao tema da inteligibilidade da identidade narrativa como um dos focos da prática de uma etnografia da duração, e a experiência humana do tempo nas grandes metrópoles contemporâneas inscrevendo-se, então, como objeto nobre de pesquisa antropológica em sociedades complexas.

⁸ Para aprofundar a questão da identidade narrativa à qual nos referimos é, sobretudo, na obra de Paul Ricoeur, **O Si-mesmo como Um Outro**, que precisamos nos deter, pois nela o autor desenvolve o tema da dialética da identidade-ipse e da identidade-idem em alusão aos temas da distensão da alma como parte integrante da distensão do tempo, em referência às aporias agostinianas, e às noções de *muthos* e de mimese no pensamento aristotélico, ambas tratadas como “agenciamento de fatos”, polêmicas recolocadas por Paul Ricoeur (1991, p. 14) para decifrar, no plano da narrativa, as questões do si-mesmo e de seu outro, relacionados, sobrepostos, recobertos.

Conforme reconhece Paul Ricoeur (1991, p. 147), ao enquadrar no tempo suas preferências, suas apreciações e suas estimações sobre seu ser no mundo, “a pessoa se reconhece em suas disposições” atribuindo ao seu si-mesmo uma matéria, criando para si uma unidade de sentido que vibra no tempo. Segundo o autor, no plano da identidade-idem a estabilidade dos hábitos e das identificações adquiridas, das disposições em relação ao caráter assegura ao mesmo tempo a identidade numérica, a identidade qualitativa e, finalmente, a permanência no tempo que definem a mesmidade (Ricoeur, 1991, p. 147).

Um fenômeno que se complexifica se pensado nos termos da dialética entre a cultura subjetiva e a cultura objetiva nos grandes centros urbano-industriais. Se abordado sob o ponto de vista antropológico da descontinuidade de universos simbólicos que configuram os grandes centros urbano-industriais, a fragmentação de papéis sociais e a heterogeneidade de código ético-morais, entre outros, o eixo interpretativo da identidade-idem (mesmidade) como foco central da compreensão do personagem da narração desloca-se para o da identidade-ipse (da ipseidade e da alteridade).⁹ Ou seja, na ação narrada desponta como intriga a questão do si-mesmo do personagem interpretado como “um outro”, distinto do mesmo, uma vez que a ação narrada pelo personagem está intrinsecamente ligada ao problema da temporalidade do mundo urbano contemporâneo (Ricoeur, 1991, p. 29). Essa distensão temporal é considerada por nós como fundamental para a interpretação da narrativa qualificada do personagem.

Nos termos de uma etnografia da duração, o personagem da narração, ao contar suas lembranças e recordações de uma cidade vivida, evoca as imagens que relacionam as suas experiências ordinárias *na* cidade com as suas experiências pensadas *da* cidade. Aqui a identidade narrativa se situa no plano do trajeto antropológico da humanidade, sendo tributária da gênese recíproca entre suas pulsões subjetivas e o ambiente cósmico e social em que o símbolo é o lugar (Durand, 1984, p. 30).

No plano de restituição da fala do personagem da narração, é grande o compromisso ético e moral do etnógrafo com as lembranças que seus parceiros de pesquisa lhe depositam. É da responsabilidade do etnógrafo da duração pensar a qualidade do arranjo das imagens que melhor restituem as experiências temporais urbanas narradas por seus parceiros de pesquisa, que vão lhe permitir se reconhecer nas imagens da cidade vivida. A restituição da palavra viva nos coloca o desafio

⁹ No estudo das identidades idem e ipse, Paul Ricoeur (1991, p. 148) elucida que as duas espécies de identidades ritmicamente encompassadas podem deixar de se recobrir, a ponto de se dissociarem inteiramente, pondo de algum modo a nu a ipseidade (do si) sem o suporte da mesmidade.

de operar a narrativa etnográfica no plano da imaginação de uma matéria para a vida urbana, em consonância com o movimento das lembranças daquilo que nos foi narrado (Durand, 1984, p. 30).

Diante do desafio, a etnografia da duração procura, assim, promover a associação do ato do enunciado daquilo que nos é narrado sobre a cidade à reflexividade da enunciação do personagem da ação narrada sobre sua própria sorte. Os personagens da narração são construídos, dessa forma, numa modalidade de etnografia que se caracteriza por ser uma arte de compor a mediação entre tempos narrados, como almeja Paul Ricoeur (1991, p. 169) na “concordância discordante”, numa dialética com o tempo do mundo, o tempo objetivo, como nos pontua Gaston Bachelard (1965). No centro desse arranjo entre tempos narrados superpostos aos tempos vividos, a compreensão das mudanças de sorte do personagem da ação narrada se torna o centro nevrálgico de toda a composição da narrativa etnográfica. Na etnografia da duração, com estudo dos arranjos superpostos de tais estruturas espaçotemporais que aparecem na fala dos narradores, rompe-se, assim, mais uma vez, com o modelo vigente de interpretação do tempo, de tipo causal, progressista e linear em que ficam indiscerníveis para o antropólogo urbano o acontecimento da e na vida urbana e a sua ocorrência para seus habitantes.

Trata-se, assim, da descoberta da rítmica singular que conforma o personagem da narração e os desafios de restaurar os seus movimentos na “transcrição” dos acontecimentos por ele narrado. Uma forma de garantir no interior dos jogos interpretativos do etnógrafo a inteligência narrativa produzida na tessitura da intriga do que nos é narrado, sem obscurecer, portanto, o fato de que é o sujeito da fala aquele que dispõe das formas pelas quais sua identidade pessoal se dá a ver, ressaltando-se, mais uma vez, que o personagem da ação narrada não é uma entidade distinta de suas “experiências”. Conforme nos orienta Paul Ricoeur (1991, pp. 176, 196): “A narrativa constrói a identidade do personagem, que podemos chamar sua identidade narrativa, construindo a da história relatada. É a identidade da história que faz a identidade do personagem”, mas onde a identidade narrativa mantém juntas as duas pontas da cadeia: “a permanência no tempo do caráter e a da manutenção de si”.

Na estilística da escritura do etnógrafo da duração nasce, assim, os percalços da transmissão narrativa biográfica, isto é, os desafios de conseguir devolver ao outro a dialética sob a qual repousa a sua identidade narrativa. Situado no intervalo entre esses dois polos da permanência no tempo (o tempo vivido e o tempo pensado), o etnógrafo age no sentido da mediação simbólica entre ambas as estruturas espaçotemporais, não negligenciando que a narrativa da ação faz parte da própria vida vivida do personagem que a realiza. A escrita etnográfica dos

jogos da memória, sob essa ótica, não deve se exilar em nenhuma dessas estruturas, mas deslocar-se por entre elas, à procura de palavra viva e do seu autor.

Observamos os comentários de Michel De Certeau (1994, p. 225) sobre o impacto da escrita e da produção etnográfica e suas reflexões sobre o argumento de que todo e qualquer texto tem sempre poder sobre a exterioridade. Compartilhando suas preocupações é que argumentamos sobre a importância de a prática de etnografias da duração reconhecer que sua produção se situa no campo dos saberes e dos fazeres antropológicos, sendo no interior desse campo conceitual que sua própria textualização configura-se como um sistema interpretativo. O etnógrafo da duração, assim como seus parceiros de pesquisa e personagens da ação narrada, está destinado a travar um diálogo com sua própria ipseidade, deslocando o seu si-mesmo no interior de um processo de construção de conhecimento que afeta a própria matriz das disciplinas a que se filia.¹⁰

A prática interpretativa que funda o campo da etnografia da duração tem por referência, portanto, uma cadeia complexa de inteligibilidades operatórias em relação ao tratamento dos dados etnográficos, e se realiza antes, durante e depois dos eventos etnográficos que lhe deram origem. Assim, a experiência com o deslocamento dos sentidos no movimento da grafia do fenômeno que estamos pesquisando, no tempo e no espaço, é uma das questões cruciais para se apreender a prática interpretativa da etnografia da duração como parte integrante dos estudos da memória coletiva e patrimônio etnológico no mundo contemporâneo, por consequência, da estética urbana das modernas sociedades urbano-industriais.

¹⁰ Nesse sentido desenvolvemos o projeto Narradores Urbanos, Etnografias nas Cidades Brasileiras, que consiste em construir documentários em vídeo sobre a trajetória intelectual dos pais e mães fundadoras do campo da antropologia urbana no Brasil a partir de suas respectivas concepções teórico-conceituais e da formação da disciplina das pesquisas antropológicas nas cidades brasileiras. Entre os antropólogos narradores urbanos os documentários finalizados tratam da obra dos antropólogos brasileiros Gilberto Velho, Ruben Oliven, Eunice Durham, Ruth Cardoso e José G. Magnani (www.biev.ufrgs.br).

Referências

- ARENDT, Hannah. **A condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- BACHELARD, Gaston. **L'intuition de L'instant**. Paris: Denoel, 1965.
- _____. **A Dialética da Duração**. São Paulo: Ática, 1988.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo**. São Paulo: Unesp, 2000.
- DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. Lisboa: Presença, 1984.
- _____. **L'imagination Symbolique**. Paris: PUF, 1992.
- ECKERT, Cornelia. **Une Ville Autrefois Minière: Étude Anthropologique La Grand-Combe France**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Université René Descartes, Paris V, Paris, 1991.
- _____.; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **O Tempo e A Cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. (Coleção Academia II).
- ELIAS, Norbert. **Sobre Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. **Désorceler**. Paris: Éditions de l'Olivier, 2009. (Coll. Penser/Rêver).
- GELL, Alfred. **The Art of Anthropology: Essays and Diagrams**. London: London School of Economics, 1999. (Monographs Series).
- _____. **The Anthropology of Time: Cultural Constructions of Temporal Maps and Images**. Oxford: Berg, 2001.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- MAFFESOLI, Michel. **La conquête du présent: Pour Une Sociologie de La Vie Quotidienne**. Paris: PUF, 1979.
- _____. **La Connaissance Ordinaire, Précis de Sociologie Comprehensive**. Paris: Méridiens, 1985
- _____. **Aux Creux des Apparences**. Paris: Plon. 1990.
- RICOEUR, Paul. **O Si-mesmo como Um Outro**. Campinas: Papyrus, 1991.
- _____. **Tempo e Narrativa**: vol. I. São Paulo: Papyrus, 1994.
- _____. **Tempo e Narrativa**: vol. II. São Paulo: Papyrus, 1995.
- _____. **Caminos del Reconocimiento**: Tres Estudios. México: FCE, 2006.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da Rocha. **Le Sanctuaire du Désordre: L'art du Savoir-vivre des Tendres Barbares sous Les Tristes Tropiques**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Université René Descartes, Paris V, Paris, 1994.
- SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- SIMMEL, Georg. **Cultura Femenina y Otros Ensayos**. Madrid: Revista de Occidente, 1934.

_____. **Sociologie et Épistemologie**. Paris: PUF, 1981.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

_____. **Projeto e Metamorfose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VELHO, Otávio G. **Besta-fera: Recriação do Mundo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

WAGNER, Helmut R. (Org.). **Fenomenologia e Relações Sociais: Textos Escolhidos de Alfred Schutz**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WATIER, Patrick. **Georg Simmel Sociologue**. Belval: Éditions Circé, 2003.

Resumo

Propomos a Etnografia da Duração nos estudos de identidade narrativa de habitantes em contextos urbanos interpretando a cidade como objeto temporal. A memória narrada é conhecimento de si e do mundo, a partir do trabalho de recordar narrado pelos sujeitos. O artigo baseia-se no resultado de pesquisas desenvolvidas no âmbito do nosso projeto intitulado Banco de Imagens e Efeitos Visuais (PPGAS, IFCH, UFRGS), iniciado em 1987. Tendo sempre por motivação a pesquisa com a memória transgeracional e a produção de constelações de imagens, a Etnografia da Duração persegue a obra de fazer vibrar o tempo pensado e vivido. Trata-se da produção de etnografias dos diversos ritmos temporais que configuram uma comunidade urbana como tal e a descrição dos arranjos da vida coletiva que se propaga no interior de seus territórios.

Palavras chave: Etnografia da Duração, memória coletiva, cidade, imagem, trajetória, identidade narrativa

Abstract

By interpreting cities as temporal objects, we propose to proceed with ethnography of the duration in the studies of narrative identity of those dwelling urban contexts. Narrated memory is the knowledge of oneself and the world from the task of recording narratives by individuals. This paper draws on the result of researches carried out as part of our project, titled Image and Visual Effects Bank (PPGAS, IFCH, UFRGS) initiating in 1987. Always having its motivation the research of transgeneration memory and the making of image-constellations, ethnography of duration seeks the work that vibrates times as thought and experienced. It regards the production of ethnographies of the several temporal rhythms forming an urban community as such and the description of the arranging of collective life as spread within its territories.

Keywords: Ethnography of duration, collective memory, cities, image, trajectory, Identities, Narrative